

# EXPERIÊNCIAS COM O BRINCAR NUMA TURMA DE PRÉ-ESCOLA: APRENDIZAGENS DE UMA ESTAGIÁRIA INICIANTE

RITA DE CÁSSIA TAVARES MEDEIROS<sup>1</sup>\_NATÁLIA LORENA NOLA<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho é fruto do estágio final do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na área de educação infantil, desenvolvido em uma turma de pré-escolar na Escola Municipal de Educação Infantil Vinicius de Moraes, em 2015. A turma do pré-escolar, na qual realizei estágio, tem dezoito crianças, das quais onze meninos e sete meninas. Durante as observações, em 2014, para a construção do projeto a ser desenvolvido, percebi que o espaço utilizado em sala de aula era restrito e me parecia o único lugar adequado e planejado para desenvolverem as suas atividades. Havia predominância de tarefas, utilizando peças de encaixe, trabalhos com folhas para colorir, ou qualquer outro brinquedo, mas sentados cada um no seu lugar. Não costumavam brincar no pátio ao ar livre, ficando ali até a hora da saída sob os olhos das professoras e submetidos às ordens dadas. Sob inspiração freireana construí o diálogo, as interações e as reflexões por meio das brincadeiras, constituindo outras relações e revelando outros espaços das infâncias possíveis. **Palavras-chave:** educação infantil-aprendizagens-brincadeiras

---

<sup>1</sup> Orientadora do trabalho

<sup>2</sup> UFPEL, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia

## 1. O Contexto da experiência

Este trabalho é fruto do estágio final do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na área de educação infantil, desenvolvido em uma turma de pré-escolar na Escola Municipal de Educação Infantil Vinicius de Moraes, em 2015. A mudança das creches pertencentes à área de assistência, para a área da educação é fundamentada pela Lei Federal nº9394 de 20 de dezembro de 1996, e no artigo 11, INCISO III, item um da lei Estadual nº10. 591 28 de novembro de 1995, que estabelece normas para a oferta de Educação Infantil na resolução nº246 de 02 de junho de 1999. A escola foi fundada em 18 de outubro de 1980 como Creche Assistencial da Bom Jesus, mantida pelo Movimento Assistencial de Pelotas (FMAPEL). Passou a chamar-se Escola de Educação Infantil Vinicius de Moraes no ano de 1999, adequando-se as normas da legislação supra citada.

A turma do pré-escolar, na qual realizei estágio, tem dezoito crianças, das quais onze meninos e sete meninas. Durante as observações, em 2014, para a construção do projeto a ser desenvolvido, percebi que o espaço utilizado em sala de aula era restrito e me parecia o único lugar adequado e planejado para desenvolverem as suas atividades. Havia predominância de tarefas, utilizando peças de encaixe, trabalhos com folhas para colorir, ou qualquer outro brinquedo, mas sentados cada um no seu lugar. Não costumavam brincar no pátio ao ar livre, ficando ali até a hora da saída sob os olhos das professoras e submetidos às ordens dadas.

Realizei, então, durante o estágio, diversas experiências como: música, confecção de brinquedos, dança, leitura, mímicas, técnica de pintura, jogos, resgate de brincadeiras antigas, entre outras. Considero de suma importância para o desenvolvimento da criança a brincadeira, tanto livre como dirigida. O que as diferencia é que na brincadeira livre a criança escolhe o que vai brincar e quais as regras que irá estabelecer, já a brincadeira dirigida tem suas regras próprias pré-estabelecidas, o que não quer dizer que não possam ser modificadas pelas

crianças. As crianças tomam para si, em processos constantes de interação, através do brincar, o protagonismo de práticas sócio-culturais não pensadas exclusivamente pelos adultos. Aí o brincar ocupa seu lugar principal. Essa grande possibilidade me levou a estabelecer o brincar como eixo principal do projeto e é essa experiência que trago nesta apresentação.

O projeto foi então desenvolvido diariamente como parte do planejamento da aula. As experiências levaram em consideração o interesse das crianças, e a interação com as atividades planejadas, aos poucos, na medida em que fui conhecendo a turma. Tomei como interlocutores teóricos principais os estudiosos do brincar, da cultura lúdica e das relações entre as crianças na produção das brincadeiras (WURDIG; SARMENTO; KISCHIMOTO, WAJSKOP).. Na concepção Freireana tomei o diálogo com as crianças como categoria principal para pautar a organização das práticas, mas também me inspirei em Madalena Freire para trazer as crianças à participação coletiva dos próprios planejamentos, anteriormente vistos como exclusividade da professora.

## **2. Transformando as relações e os espaços**

Fui desenvolvendo brincadeiras, explorando o corpo e os espaços ali presentes primeiramente em sala de aula, e aos poucos fui introduzindo o brincar em um espaço amplo, aproveitando então melhor o espaço da escola. Neste período pude realizar praticamente todas as atividades no pátio, quando chegava a hora era a maior alegria para todos, pois naquele momento as crianças desenvolviam atividades orientadas e livres também, conforme sua imaginação.

A participação das crianças nas experiências, principalmente na ida ao pátio, através das minhas interações ou não, incomodavam um pouco a rotina da escola, sendo questionada algumas vezes por algumas professoras como, por exemplo: *Vais ir agora, já esta quase na hora do café! Ou Tu vais levá-los para o pátio?* Estes foram alguns obstáculos que tivemos que transpor, no caso, eu e as crianças, durante o estágio. Muitas vezes estávamos brincando e aproveitando aquele momento, então tínhamos que parar, fazer a fila e ir para o lanche. Diante das dificuldades, pude alcançar meu objetivo maior que era a importância das experiências propostas naqueles momentos e assim o brincar ia ganhando um espaço maior no cotidiano pedagógico, daquela turma de educação infantil.

### 3. A humanização pelo brincar

A criança ao brincar além de se divertir, busca parceria e objetos, aprende, interage com seus pares, recria e interpreta o mundo em que vive e com ele se relaciona. Neste sentido, cada vez mais os educadores recomendam que os jogos e brincadeiras ocupem um lugar de destaque no programa escolar, desde a Educação Infantil. (KISHIMOTO,2002).As brincadeiras e jogos são muito importantes no desenvolvimento da criança. A função principal do brincar é o divertimento da criança, seu prazer livre e desinteressado. Além disso, a brincadeira serve para o desenvolvimento emocional e afetivo, coordenação motora, equilíbrio, orientação espacial e linguagem. Todos esses aspectos contribuem para a formação da criança. Num olhar freireano demarcado por Madalena Freire as crianças brincam porque a brincadeira é também linguagem da infância, mais do que atividade, jogo ela se constitui em experiência humana de linguagem.

Além da brincadeira livre, procurei proporcionar às crianças, experiências com brincadeiras tradicionais, parlendas, trava-línguas, adivinhações e cantigas de roda. Essas atividades permitem desenvolver a linguagem brincando, e também a livre expressão das crianças, resgatando a cultura, pois os jogos estão sempre em transformação, incorporando novas versões criadas pelas gerações que vão se sucedendo. É interessante que a criança tenha noção dessas transformações.

A cultura lúdica é algo central na idéia de infância.( PINTO, M.; SARMENTO, M.J. 1997) . É preciso estar atenta ao seu significado e importância no mercado de produção cultural para as crianças. Os brinquedos tradicionais estão sendo substituídos pelos industrializados servindo como fator de distinção social. Esses brinquedos condicionam e uniformizam as brincadeiras. Eles podem se tornar mais importantes que brincar com os outros, inclusive os tecnológicos.

Hoje as gerações nascidas neste tempo estão crescendo em uma condição cultural marcada, entre outros fatores, pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação estão cada vez mais limitadas, dificultando as brincadeiras de rua. As brincadeiras de rua podem ser transferidas para dentro da escola e sala de aula, apenas é preciso que a professora faça adaptações ao espaço disponível.

Na hora de escolher qual a brincadeira desenvolver é preciso investigar se a criança conhece a brincadeira e o interesse dela, garantindo a liberdade de escolha pelas crianças, além de garantir a ampliação de seu repertório cultural sobre o brincar.

A observação da realidade das creches e pré-escolas tem evidenciado que são utilizados mais materiais impressos para as crianças colorir, ligar pontinhos e preencher linhas com letras e números, além de brinquedos industrializados resultantes de uma cultura capitalista. Não queremos dizer com isto que os brinquedos e brincadeiras tradicionais são “bons” e os brinquedos de hoje são “ruins” e sim que não devem constituir uma única forma de as crianças brincarem.

Segundo Gisela Wajskop (2001):

A brincadeira pode ser um espaço privilegiado de interação e confronto de diferentes crianças com diferentes pontos de vista. Nesta experiência elas tentam resolver a contradição da liberdade de brincar no nível simbólico em contraposição às regras por elas estabelecidas, assim como o limite da realidade ou das regras dos próprios jogos aos desejos colocados. Na vivência desses conflitos, as crianças podem enriquecer a relação com seus coetâneos.

. Podemos dizer que a brincadeira é linguagem pertencente, de maneira predominante à infância. Então não podemos perdê-la de vista em nossas inserções pedagógicas. Na concepção freireana a leitura de mundo precede a leitura da palavra, poderíamos então repensar as formas como temos optado por propor às crianças de educação infantil essas leituras. Podemos ler o mundo das crianças para pensar o planejamento, podemos e precisamos ler os mundos da experiência infantil para pensar as brincadeiras

#### **4. Minhas Aprendizagens**

Durante este trabalho, pude perceber que as crianças avançaram nos seus processos de aprendizagem. Ampliaram suas visões sobre a escola, sobre as relações entre professoras e crianças e também entre as próprias crianças. Sair do espaço anteriormente restrito à sala de aula, também significou amplitude na linguagem, no manuseio e uso de objetos, nas inovações e recriações de brinquedos e principalmente no direito à voz e á vez das crianças na escola a elas

destinadas pela legislação, em documentos pedagógicos produzidos e de tão difícil implantação no dia a dia da educação infantil.

O desejo de realizar este trabalho com as crianças foi de grande importância não só para as elas, mas também para mim. A cada atividade realizada no pátio, as interações através das brincadeiras, produziram muitas idéias sugeridas pelas próprias crianças, demonstrando que a escola pode ser mais, pode ter mais e pode representar espaços infantis em contraposição aos modelos moralizantes e adultocêntricos presentes ainda em muitas práticas pedagógicas. Por fim remeto-me a Paulo Freire para dizer que mediatizados pelo mundo nos educamos como mulheres e crianças protagonistas de uma educação preocupada com o cotidiano, por vezes árido, que se apresenta nas escolas infantis.

## 5. Referências

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. **Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Volume um. Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394**, de 20 de dezembro de 1996
- KISHIMOTO, Tizuko. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: Kishimoto, Tizuko (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).
- PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.
- WAJSKOP, G. **Brincar na Pré-escola**. São Paulo: Editora Cortez. 2001.
- WURDIG.R.C. O quebra-cabeça da cultura lúdica: lugares, parcerias e brincadeiras de crianças. In: **ENCUENTROS ETNOGRÁFICOS COM NIÑOS Y ADOLESCENTES EM CONTEXTOS EDUCATIVOS**. Buenos Aires. Argentina: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 2009. v. 1. p. 1-22.
- FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. O ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez , 1982.